

Crédito à morte. A decomposição do capitalismo e suas críticas

ANSELM JAPPE

São Paulo: Hedra, 2013.

Ricardo Musse*

Anselm Jappe é um teórico e militante ainda pouco reconhecido no Brasil. A recém-lançada tradução de *Crédito à morte. A decomposição do capitalismo e suas críticas* certamente contribuirá para dirimir essa situação. Ele filia-se à corrente do marxismo que se autodenomina “crítica do valor”. Os nomes mais conhecidos dessa vertente são Robert Kurz, recentemente falecido, e Moishe Postone. Com esse livro, Jappe se credencia como mais que um divulgador: atualiza essa teoria, destacando a pertinência de sua reflexão na análise da conjuntura e, sobretudo, procurando demonstrar, em tom polêmico, as insuficiências das contestações corriqueiras ao capitalismo.

A “crítica do valor” parte de uma interpretação de *O capital* que, na contramão da leitura empreendida e disseminada pela Segunda e Terceira Internacionais, não considera a denúncia da exploração e seus desdobramentos sob a forma de luta de classes como o ponto central da obra de Marx. Na trilha aberta, já nos anos 1920, por *História e consciência de classe*, de Georg Lukács, e por *A teoria marxista do valor*, de Isaak Illich Rubin, desdobrada posteriormente pela Escola de Frankfurt, considera que o eixo central da teoria marxista consiste na crítica ao “fetichismo da mercadoria” e às formas envolvidas nesse processo: valor, mercadoria, dinheiro, capital, trabalho etc.

* Professor do Departamento de Sociologia da USP. E-mail: rmusse@usp.br

Não se trata, porém, apenas de uma correção de caráter teórico. A leitura desenvolvida pela vertente “crítica do valor” traduz uma análise histórica e uma opção política que atribui os fracassos do reformismo social-democrata e das experiências dos Estados ditos “socialistas” a uma compreensão equivocada do funcionamento do capitalismo, em particular, do papel nele desempenhado pela forma-mercadoria.

O diagnóstico do presente histórico, ancorado nessa linhagem, identifica, nas transformações recentes do capitalismo, sintomas de seu processo de decomposição. A circulação incessante da mercadoria dinheiro, pressuposto necessário da dinâmica do capital, funciona como uma espécie de “sujeito automático” que se depara cada vez mais com limites internos e externos. Internamente, o movimento insaciável de valorização do capital gera uma situação paradoxal: ele deve necessariamente incrementar modificações e inovações no âmbito do processo produtivo que contribuam para a redução da taxa de lucro e da própria massa de mais-valia, fonte primordial da atual crise econômica e social. Externamente, a lógica da acumulação e a exigência de ampliação contínua da produção esbarram nos limites da natureza, o que tende a amplificar a crise ecológica.

A força da reconstituição, por Jappe, dessa dupla crise, deriva da precisão e da argúcia com que demonstra seus efeitos na configuração contemporânea da sociabilidade e da subjetividade. A expansão inaudita da mercantilização, atingindo setores até então infensos ao “fetichismo da mercadoria”, intensifica as formas de relação social moldadas pela troca monetária, com o predomínio da abstração e da quantificação. Seu efeito mais tangível consiste na disseminação cotidiana da barbárie, impulsionada tanto pelo funcionamento do mercado, quanto pelas políticas de Estado.

Segundo Jappe, em linha geral, nessa fase, o capitalismo tende a promover, no âmbito das subjetividades, o narcisismo. Trata-se de uma neurose (ou psicose) cuja matriz ele atribui a uma infantilização massiva oriunda da ênfase no consumo, na sedução das mercadorias e de uma des-simbolização em larga escala produzida pela indústria do entretenimento. A regressão a um estágio no qual prevalece o princípio do prazer, a dificuldade em aceitar a realidade, a projeção do eu sobre os objetos exteriores, no mínimo, dificultam a experiência da alteridade, condição imprescindível para um desenvolvimento psíquico maduro.

As polêmicas de Jappe contra as correntes contemporâneas críticas à sociedade capitalista perpassam os três blocos (*pars destruens*, *pars construens* e *pars ludens*) sob os quais se organizam os artigos reunidos no livro. Intervenções no debate francês entre 2007 e 2010, os dez textos coligidos confrontam, quase que metodicamente, algumas das principais reações intelectuais e políticas suscitadas pela persistente crise do capitalismo.

A discussão se desenrola em dois patamares distintos. Num primeiro, rejeita-se peremptoriamente “o cidadanismo do tipo ATTAC, a caça aos especuladores e as críticas cujo único alvo é a alta cúpula financeira; mas também as propostas

de volta à ‘política’ e à luta de classes”. Jappe designa-as como “populistas”, pois contornam as premissas do capitalismo, limitando-se a “propor reformas, procurar bodes expiatórios, procurar formas de antagonismo que afundaram com o próprio capitalismo”.

Em um segundo movimento, propõe um “diálogo crítico” com tendências que julga capazes de indicar caminhos para uma superação real da sociedade capitalista. Inclui, nessa série, os teóricos do “dom”, organizados em torno do grupo francês MAUSS (movimento antiutilitarista nas ciências sociais), as posições defendidas por Jean-Claude Michéa (autor, entre outros livros, de *L’empire du moindre mal. Essais sur la civilisation libérale*) e a tese, surgida no interior do ambientalismo, do “decrescimento”. As objeções que Jappe levanta referem-se, grosso modo, a uma compreensão insuficiente, por parte dessas vertentes, da lógica do capital. Desconhecendo as determinações primordiais do processo de acumulação, essas diferentes alas anticapitalistas tendem a propor metas ou roteiros inadequados para quem ambiciona verdadeiramente “sair do capitalismo”.

Os dois últimos artigos do livro esboçam uma atualização do conceito de “indústria cultural”, introduzido por Adorno e Horkheimer. Contra o relativismo generalizado e o igualitarismo da “esquerda cultural”, Jappe insiste na pertinência de distinções “qualitativas” no campo da arte e da cultura. Segundo ele, o pós-modernismo não seria o avatar de uma “democratização” da cultura, mas antes um resultado da consolidação da dominação da forma-mercadoria, patente em sua indiferença em relação ao conteúdo. A citação que segue, com a qual concluo esse comentário, expressa nitidamente sua recusa em aderir a consensos consagrados como senso comum:

A esquerda quis abolir hierarquias que podiam até fazer algum sentido, com a condição que não fossem estabelecidas como definitivas, que fossem modificáveis: as da inteligência, do gosto, da sensibilidade, do talento. A existência de uma hierarquia de valores contribui para negar e contestar a hierarquia do poder e do dinheiro que reina absoluta numa época em que se nega toda e qualquer hierarquia cultural. (p.216)

MUSSE, Ricardo. Resenha de: JAPPE, Anselm. Crédito à morte. A decomposição do capitalismo e suas críticas. São Paulo: Hedra, 2013. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.38, 2014, p.157-159.

Palavras-chave: Capitalismo; Marxismo; Teoria do valor.